

NUNO NEPOMUCENO



A MORTE DO PAPA

ELEITO NUM CONCLAVE
SURPREENDENTE.

ENCONTRADO MORTO
33 DIAS DEPOIS.



IN HONOREM PRINCIPIS APOST PAVLVS INVS PONT MAX AN MDC XII PONT VII

cultura

A man with a receding hairline, wearing a dark grey suit jacket and a red scarf, is leaning against a black metal fence. He is looking directly at the camera with a slight smile. The background is a blurred outdoor setting with green foliage and a light-colored wall.

A MORTE DO PAPA

ELEITO NUM CONCLAVE
SURPREENDENTE
ENCONTRADO MORTO 33
DIAS DEPOIS

O recém-eleito Papa é encontrado morto em circunstâncias
contraditórias. Para a Santa Sé, terá sofrido um enfarte. Para o
resto do mundo, o Vaticano mentiu. Morte natural, ou
homicídio?

INSPIRADO NA VIDA E MORTE DE JOÃO PAULO I

**O RECÉM-ELEITO PAPA É ENCONTRADO MORTO
EM CIRCUNSTÂNCIAS CONTRADITÓRIAS. PARA A SANTA SÉ,
TERÁ SOFRIDO UM ENFARTE. PARA O RESTO DO MUNDO,
O VATICANO MENTIU. MORTE NATURAL, OU HOMICÍDIO?**

INSPIRADO NA VIDA E MORTE DE JOÃO PAULO I



Uma freira e dois cardeais encontram o corpo sem vida do Papa sentado na cama, com as mangas da roupa destruídas, os óculos no rosto e um livro nas mãos. O mundo reage com choque, sobretudo, quando Pedro, um delator em parte incerta, regressa à ribalta e contraria a versão oficial. Porém, tudo muda quando imagens de um escritor famoso vêm à tona, colocando-o na cena do crime.

Enquanto as dúvidas se instalam, um jornalista dedica-se à investigação do desaparecimento de uma adolescente. Mas eis que um recado é deixado na redação da *Radio Vaticana*. Com a ajuda de um professor universitário e da sua intrépida esposa, os três lançam-se numa demanda chocante pela verdade. O corpo da jovem está no local para onde aponta o anjo.

Pleno de reviravoltas e volte-faces surpreendentes, intimista e apaixonante, inspirado em factos reais, *A Morte do Papa* conduz-nos até um dos maiores mistérios da história da Igreja Católica, a morte de João Paulo I. Tendo como base os cenários únicos da Cidade do Vaticano, este é um *thriller* religioso arrebatador, de leitura compulsiva, e igualmente uma incursão perturbadora num mundo onde a ambição humana desafia o poder de Deus.

Também disponível em e-book			
	ISBN 978-989-8979-34-6		
			
	* A companhia dos livros.	IP 068	CE 060

“

Do outro lado da praça, a figura de um homem avançou furtivamente no meio das duas fiadas de pilares clássicos que formavam a colunata de Bernini. Protegido pelas sombras, o intruso tinha o cabelo ligeiramente comprido e ondulado, afagando-lhe os ombros. Hábil, veloz e bem treinado, desapareceu tão depressa quanto surgiu — em segundos. Ia na direção do Portão de Bronze, o acesso ao Palácio Papal.

a morte do papa

a morte do papa
nuno nepomuceno



Uma marca



info@culturaeditora.pt | www.culturaeditora.pt

—

© Nuno Nepomuceno e Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: *A Morte do Papa – Eleito num Conclave Surpreendente. Encontrado Morto 33 Dias Depois.*

Autor: Nuno Nepomuceno

Revisão: Paula Caetano

Paginação: Ana Gaspar Pinto

Capa: Vera Braga

Imagens de capa: © Shutterstock

Citações da capa e inclusas: *Bíblia, Volumes I, Novo Testamento, Os Quatro Evangelhos, e III, Antigo Testamento, Os Livros Proféticos*

Tradução do grego, apresentação e notas de Frederico Lourenço.

Quetzal Editores

1ª edição, setembro 2016 e outubro de 2017

ISBN: 978-989-8979-40-7

1.ª edição: janeiro de 2020

Impressão e acabamento: Eidal – Indústria Gráfica S.A.

Depósito legal: 465201/19

PA: 490 gr

Formato: 15x23 cm

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

«Os problemas do mundo irão chegar ao fim quando todas as nações, em harmonia com as leis que regem os direitos de autor, obrigarem a que o Antigo Testamento seja prefaciado: Esta é uma obra de ficção. Por favor, mantenha-a longe das crianças.»

Albino Luciani, 13 anos.

O livro *A Morte do Papa* é inspirado na vida e morte de Albino Luciani. Os nomes e factos que constituem o enredo foram parcialmente adaptados pelo autor para efeitos narrativos. São o resultado do uso livre da sua imaginação e não devem ser interpretados como inteiramente verdadeiros, ou como uma explicação para o que realmente terá acontecido naquela noite.

Este homem, filho de uma devota fervorosa e de um ateu convicto, morreu oficialmente a 28 de setembro de 1978 nos seus aposentos no Palácio Apostólico da Cidade do Vaticano, em circunstâncias que ainda hoje são consideradas contraditórias. Foi batizado como Albino Luciani, embora o mundo o conhecesse por outro nome, o de Papa João Paulo I. Depois da sua morte, passou simplesmente a ser referido como o Papa dos 33 dias.

Ou dos 34.

Depende da versão dos factos.

Preâmbulo

Basílica de São Pedro, Cidade do Vaticano

Fim do Conclave - Noite da Eleição Papal

Foi naquele fim de tarde que percebeu que iria morrer dali a alguns dias. Aves de mau agouro voavam sobre a praça, o Anel do Pescador rasgava-lhe a carne da mão direita e existia sangue no céu.

— Coloquemos de parte... — continuou ele, esforçando-se por projetar a voz.

Era habitualmente forte e segura. Porém, soçobrou, tal como a garganta, que, seca, pareceu ficar momentaneamente embargada, refém do surto de emoção que se apoderou de si. As pessoas que o ouviam na praça, aquelas que tinham insistido em ficar, apesar do calor abrasador que marcara o dia, aplaudiram-no e começaram a cantar, entusiasmadas, tocadas pela bondade que emanava do seu coração.

De pé na varanda da basílica, rodeado por cardeais, com um solídeu branco a cobrir-lhe o alto da cabeça e uma cruz simples de madeira escura pendurada no pescoço a pender sobre as vestes alvas, o homem santo ergueu ligeiramente no ar as mãos e olhou em frente. O Sol, nas suas costas, punha-se sobre Roma. O céu fora pintado da cor do champanhe. E a sombra das estátuas que velavam a praça a partir do cimo da colunata de Bernini projetava-se sobre a multidão, que enchia tudo em redor, até à Via della Conciliazone, exultando, em êxtase, enquanto abanava lenços nas mãos e entoava o seu nome.

— Coloquemos de parte — recomeçou ele, recuperando a firmeza característica da sua voz — as preferências construídas pelos nossos pais cristãos e juntos reunamos a força para levantarmos as restrições que a doutrina impôs sobre a vida diária de tantas pessoas inocentes.

Os crentes rejubilaram, admirando-o. O recém-eleito Papa era o símbolo de uma nova esperança. Sentiam-no próximo deles, dos seus anseios, da forma como viviam e das necessidades que tinham. Prometia-lhes uma revolução, insurgindo-se contra o poder instituído e mostrando-se realmente aberto ao sofrimento dos seus fiéis. Viera para ficar.

Com as palmas das mãos viradas para cima, o Santo Padre apercebeu-se de uma sombra. Repentina, avançara sobre a multidão, cobrindo-a com um véu de luto. Sentiu os dedos molharem-se. Era água. Vinha do céu. Uma tempestade de verão formara-se ao longe e deslocara-se rapidamente para cima da cidade. Ouviu um som. Foi então que teve a visão.

Corvos crocitavam sobre a praça, voando até pousarem nos ombros das estátuas que decoravam a colunata, um par de pássaros negros por cada santo. As nuvens adquiriram uma cor carmesim, asfixiando o Sol que morria dentro delas, fundindo-se com a escuridão maligna que escondiam no interior. Um dos dedos latejava, flagelado pelo ouro do Anel do Pescador. Minutos antes fora-lhe cravado na carne.

O recém-eleito Papa trocou um olhar breve com o seu jovem secretário pessoal. Francesco era inocente e dedicado. Todavia, as íris bondosas e muito azuis do padre estavam pintalgadas de negro. Refletiam a imagem que registavam no exterior da basílica, perturbadas pelo medo que ele sentia. Também a via. Eram os únicos.

O Bispo de Roma não se deixou assustar. Debaixo da chuva que engrossava rapidamente, sob um céu tenebroso, reconfortado pela força daqueles que o escutavam, deu um passo em frente, expondo-se completamente à tempestade. Recomeçou a falar. Tinha algo a dizer-lhes.

Mas sem saber explicá-lo, quase como se fosse uma premonição, as orações que proferiu foram enunciadas na primeira pessoa. A tentar que a sua voz se sobrelevasse ao ruído da precipitação, gritou, corajoso:

A MORTE DO PAPA

— A vida que nos foi dada por Deus é infinitamente preciosa!
Ainda mais do que a doutrina feita pelo homem.

O Papa Mateus fez uma ligeira pausa, ganhando fôlego. Concluiu:

— Preservemo-la bem, pois não tem preço.

Praça de São Pedro, Cidade do Vaticano
Philharmonie, Planalto de Kirchberg, Luxemburgo

Trinta e Três Dias Depois

Não havia nada de extraordinário a relatar sobre aquela noite. Sozinho junto à guarita solitária do Arco dos Sinos, o jovem cabo Thomas Niederhauser da Guarda Suíça mudou o peso do corpo de um pé para o outro, enquanto perscrutava o espaço que tinha diante de si. De boina na cabeça, vestia riscas verticais azuis, vermelhas e amarelas, o uniforme oficial da força militar da Santa Sé responsável pela segurança pessoal do Papa, e tinha numa das mãos uma alabarda, uma arma antiga com a forma de uma lança comprida, na qual se apoiava. Os olhos castanho-claros do rapaz pestanejaram no meio do rosto muito branco e perfeitamente barbeado, registrando de modo quase fotográfico o que conseguia ver.

O obelisco e as fontes no centro da praça deserta; a colunata de Bernini adormecida em redor; as escadas vazias imediatamente à sua esquerda, que serviam de acesso à basílica; o telhado da Capela Sistina logo a seguir; o Palácio Apostólico um pouco mais distante, por cima. Foi aí que reparou na luz que se escondia por trás de uma janela entreaberta localizada no 3.º andar. Era famosa. Dava para os aposentos papais.

A noite estava quente. Parecia que o verão ainda não os abandonara. Todos queriam aproveitar os derradeiros momentos daquela sensação de paz cálida que as temperaturas altas dos últimos dias

continuavam a proporcionar, antes que as tempestades do outono e inverno chegassem definitivamente. O Santo Padre não era exceção. Dormia com a janela aberta.

Thomas viu a luz apagar-se, sendo substituída pelas trevas que tomaram conta do quarto. Já era tarde, perto da meia-noite. Imaginou o Papa a sentar-se na cama, compondo a roupa, pousando certamente sobre a mesa de cabeceira o livro que o mantivera acordado até àquela hora. Dizia-se no Vaticano que era um leitor ávido. Agora, iria descansar.

O cabo voltou a mudar o peso do corpo de um pé para o outro, apoiado na alabarda. Apesar do seu porte atlético, sentia o cansaço a invadi-lo. Suspirou resignadamente, tentando combatê-lo. O seu turno estava longe de terminar. Philip, o colega que naquela noite deveria estar a ocupar a outra guarita, fora chamado ao quartel pelo comandante principal e ainda não regressara. Restava-lhe manter-se alerta e esperar pela rendição. Ansiava secretamente pela altura em que pudesse dormir um pouco.

Talvez por isso, existiu um pormenor naquela noite que lhe passou despercebido. Do outro lado da praça, a figura de um homem avançou furtivamente no meio das duas fiadas de pilares clássicos que formavam a colunata de Bernini. Protegido pelas sombras, o intruso tinha o cabelo ligeiramente comprido e ondulado, afagando-lhe os ombros. Hábil, veloz e bem treinado, desapareceu tão depressa quanto surgiu — em segundos.

Ia na direção do Portão de Bronze, o acesso ao Palácio Papal.

Contraposta a três sucessões paralelas de colunas brancas, a vários quilómetros de distância da Praça de São Pedro, numa cidade pacata, mas influente, localizada no Norte da Europa, sensivelmente à mesma hora, a figura de um homem moreno, cuja idade estaria situada entre os 20 e os 30 anos, abandonou o edifício vanguardista da Philharmonie do Luxemburgo. Misturou-se com os demais espetadores do recital clássico a que acabara de assistir e continuou a caminhar a bom ritmo, com a fachada da sala de concertos dedicada à grã-duquesa Joséphine-Charlotte pelas costas.

Pedro — não era o seu nome, mas fora assim que se tornara conhecido — aconchegou ao pescoço a gola do casaco comprido

Armani que vestia e viu as horas no relógio de pulso caríssimo que comprara recentemente, rodeado pelas pessoas, que, tal como ele, se afastavam, dispersando-se. Era tarde. Ao contrário do Sul da Europa, ali, na pequena e aborrecida cidade do Luxemburgo, onde nada acontecia, o dia despedira-se frio, entrando na escuridão da noite mergulhado numa neblina ténue, que durante o espetáculo se adensara consideravelmente.

O jovem continuou a caminhar, olhando de quando em quando por cima do ombro, uma medida de precaução à qual recentemente se habituara. A humidade que caía deixava-o ansioso, praticamente angustiado, e a presença inesperada que detetou mais à frente de dois homens de fato completo, materializando-se junto à paragem do elétrico, perturbou-o.

Pedro sentiu o coração bater com mais força, pulsando, acossado. Levado pela paranoia, decidiu mudar de rumo. Em vez de prosseguir para a Avenida John F. Kennedy, infletiu rapidamente para baixo e embrenhou-se no pequeno bosque que conduzia ao Mudam, o Museu de Arte Contemporânea do Luxemburgo. Sabia de um atalho. Uma vez no centro da cidade, ficaria facilmente a salvo, protegido pelo xadrez de ruas e travessas que aprendera a conhecer melhor do que ninguém.

Continuou a avançar depressa, preocupado com a presença dos homens atrás dele. Mas não, o seu cérebro estava a delirar, a pregar-lhe partidas. Talvez fosse altura de descansar um pouco, fazer uma desintoxicação de todos os problemas em que se envolvera, quem sabe manter-se fora de circulação durante um longo período de tempo. Queria desaparecer para uma qualquer praia remota, com um livro. Sentia que o isolamento poderia fazer-lhe bem. Talvez aí, começasse a pensar com mais clareza. Ninguém o seguia.

Apercebeu-se de duas mulheres que caminhavam em sentido oposto ao seu, vindas do Mudam. Conversavam animadamente de braço dado, partilhando uma intimidade que lhe pareceu natural. Uma pontada amarga de inveja atacou-o profundamente. Eleni fazia-lhe tanta falta. Porque é que o deixara? Fora nesse momento que tudo começara a desmoronar-se.

O casal avançou pelo caminho, aproximando-se de si, com a entrada principal bem iluminada do antigo forte, agora transformado num museu, a ver-se ao fundo, entre os ramos das árvores. Passaram por ele. Perturbado pelo medo que ainda sentia, a sofrer, Pedro seguiu em frente, decidido. Na verdade, a única coisa que desejava mesmo era chegar ao Mudam. O atalho que conhecia começava logo a seguir. *Eleni que se fodesse*, pensou. *Que se fodesse, fodesse, fodesse*.

As mulheres continuaram a caminhar pelo bosque, rumando para cima, em direção à praça que antecedia a Philharmonie. A mais alta das duas soltou uma gargalhada discreta, rindo-se descontraidamente do que a parceira acabara de segredar-lhe ao ouvido. Envolvia uma noite bem passada no hotel de luxo que se encontrava mesmo ao lado. Guardou uma seringa usada no bolso do casaco.

Por trás delas, a sós no meio das árvores, Pedro caiu no chão, aterrando repentinamente sobre o caminho, sem forças. Imediatamente depois, dois homens apareceram. Vestidos com fatos completos, pegaram no rapaz e arrastaram-no para longe, puxando-o pelas pernas, enquanto a cara embatia na terra, ferindo-se.

Deus concedera-lhe o desejo. Desaparecia do mundo, imerso na neblina.

Algumas horas mais tarde, na Cidade do Vaticano, no limiar da madrugada, o jovem cabo Thomas Niederhauser continuava de pé, junto à guarita solitária do Arco dos Sinos. Desconhecia o paradeiro do colega, Philip, que não regressara. De qualquer modo, preparava-se para finalmente se refugiar no quartel e descansar. O turno estava prestes a chegar ao fim e a rendição iminente. Ainda assim, a esforçar-se por cumprir o seu dever, mantendo-se atento, deitou um último olhar panorâmico sobre o cenário que naquela noite fora incumbido de vigiar.

O obelisco e as fontes no centro da praça deserta; a colunata de Bernini adormecida em redor; as escadas vazias imediatamente à sua esquerda, que davam acesso à basílica; o telhado da Capela Sistina logo a seguir; o Palácio Apostólico um pouco mais distante, por cima.

Os olhos castanho-claros da sentinela pestanejaram no meio do rosto bem barbeado, apercebendo-se de uma alteração. Via-se

luz por trás da janela entreaberta do quarto papal. O Santo Padre acordara.

A figura de um homem com o cabelo ligeiramente comprido, que lhe afagava os ombros, apareceu de repente do outro lado da praça, distante, no meio das duas séries de pilares dóricos que formavam a colunata. Hábil e veloz, desapareceu tão depressa quanto surgira — em segundos. Teria visto mal? Seria Philip?

Um som perturbador fez Thomas sobressaltar-se, assustado. A pele da cara empalideceu ainda mais. Eram corvos, que crocitavam, bradando gritos estridentes de mau presságio até pousarem nos ombros dos santos que decoravam o topo da colunata. A presença dos pássaros sobre a praça fez com que olhasse instintivamente para cima. Os primeiros raios de sol, apesar de ainda tímidos, rompiam no céu, raiando-o de vermelho. Sentiu uma pontada. Cortara-se sem saber como na alabarda.

O jovem cabo, ciente das suas obrigações, lutou contra o medo e tentou concentrar-se. Os olhos, desesperados, voltaram a percorrer a colunata mais afastada de si, tentando, em vão, localizar a figura que anteriormente detetara. Uma outra presença súbita fê-lo retesar-se.

Era mais um homem. De cabelo encaracolado, com uma pasta na mão, cruzava a praça, vindo da basílica fechada, afastando-se de costas para si, em direção à Via della Conciliazone, fugindo depressa.

Thomas levou a mão sã ao bolso da farda, em busca do rádio portátil, decidido a reportar as duas presenças estranhas. Não iria esperar pela rendição do turno. No entanto, o que se passou de seguida foi ainda mais anómalo, impedindo-o.

Um carpido agoniado, aflitivo, carregado de dor, sofrimento e desespero, chegou à Praça de São Pedro, ecoando no meio das colunas clássicas e das estátuas dos santos. O jovem cabo da Guarda Suíça estremeceu. Parecia-lhe que viera do Palácio Apostólico, mais precisamente do 3.º piso, os aposentos papais. Algo de mau acontecera.

Não existiu mais nada de extraordinário a relatar sobre aquela noite.

Foi simplesmente a noite em que o recém-eleito Papa foi encontrado morto.

O Papa morreu um pouco antes da meia-noite, vítima de um enfarte agudo do miocárdio. O corpo foi encontrado às 06h30 pelo secretário de Estado De Santis quando foi ao quarto chamá-lo, depois de ter faltado à missa na capela. Estava sentado na cama, vestido com a roupa do dia anterior, com o candeeiro da mesa de cabeceira aceso, os óculos na cara e o livro *A Imitação de Cristo* nas mãos.

O secretário de Estado De Santis chamou o cardeal Tremblay, que lhe administrou a extrema-unção e lhe bateu três vezes na testa. Percebendo que não reagia, removeu-lhe do dedo o Anel do Pescador e destruiu-o. O Papa parecia ter morrido a sorrir. A sua expressão não denotava qualquer grau de sofrimento.

O comunicado oficial emitido pelo Vaticano foi lido exatamente uma hora depois, às 07h30, em direto na antena da Radio Vaticana, a emissora da Santa Sé. Uma tiragem do *L'Osservatore Romano* — pequena e exclusiva, como sempre — foi impressa e posta na rua. O jornal esgotou em poucos minutos.

Trinta e três dias depois de ter sido eleito numa votação surpreendente, Stefano Uggeri, o antigo e muito querido cardeal de Veneza, carinhosamente apelidado durante o seu pontificado como o *Papa Sorridente*, um epíteto que à luz das circunstâncias fora

premonitoriamente irónico, morreria de causas naturais, deixando vago o trono de São Pedro. Piccolo, como gostava de ser tratado, em vez de Sua Santidade, Eminência ou Excelência, partira, juntando-se ao «Pai». Terminava, assim, o papado mais curto da história.

O resto do mundo respondeu surpreendentemente ao anúncio. Incrédulo, talvez esperançoso de que se trataria de um equívoco, ou de uma piada de mau gosto, não reagiu logo à notícia. Passou-se mais de meia hora, durante a qual o Palácio Apostólico foi deixado em silêncio, resolvendo internamente aquilo que ficara por perguntar.

Até que o telefone começou a tocar no Vaticano. A princípio, timidamente. Pouco tempo depois, ininterruptamente. As chamadas que ficaram por atender, oriundas de todos os lados do planeta, acumularam-se. Uma torrente incontrollável de notícias gerou-se imediatamente a seguir.

A agência internacional Reuters antecipou-se e escolheu fazer acompanhar o boletim sobre a morte do Papa que enviou às principais redações mundiais por uma minibiografia muito breve. Stefano Uggeri fora um menino pobre. Oriundo de uma família natural da província italiana de Belluno, na região de Veneto, no Norte do país, só vira pela primeira vez água canalizada no dia em que entrara para o seminário. Se a sua história de vida não chegasse, as circunstâncias que marcaram a noite em que foi eleito fizeram com que todos se apaixonassem por ele.

Milhões de pessoas, um pouco por todo o mundo, tinham-no visto na televisão, nos telemóveis, ou noutros dispositivos, enquanto discursava estoicamente sob chuva pesada, dando-se a conhecer como o novo líder espiritual da Igreja Católica Apostólica Romana. O corpo seria velado na Capela Clementina de forma privada. Não existia na cripta da Basílica de São Pedro um local mais sagrado do que aquele.

O *New York Times*, que beneficiou da diferença horária em relação à Europa, conseguiu ser impresso com um anexo sobre a obra que o Papa Mateus deixara no seu curto pontificado. Foi à justa, mas ninguém descansou na redação do diário mais respeitado da cidade que nunca dorme. *The Washington Post* e o *Boston Globe*,

acicatados, responderam à letra, recuperando uma entrevista inédita com o Santo Padre que nunca chegara a ser publicada, a única que concedera após a vitória no conclave. Ambos diziam ser um exclusivo. A CNN também não quis ficar atrás. Apesar de não ter mais nada para mostrar do que uma Praça de São Pedro deserta, cautelosamente vedada ao público pela Gendarmaria, foi em direto para Roma, onde a repórter que tinham destacado para a cidade, uma morena de ar exótico e peito generoso, deu tudo o que tinha para manter a emissão bem viva.

Já na rival Londres, como o dia ia a meio, a notícia foi-se disseminando a conta-gotas. A morte do Papa começou por ser uma chamada rápida de última hora, a passar furiosamente em letras garrafais no rodapé das emissões televisivas. Os jornais, tabloides incluídos, pegaram-lhe timidamente, sem saber muito bem o que fazer com ela.

O eclético *The Times* começou por colocar um memorando curto no seu sítio oficial, replicando-o respeitosamente nas redes sociais. Mas, dado o conteúdo explosivo que mais tarde começou a ser atirado para a rua pelo rival sensacionalista *The Sun*, segundo o qual o Papa há muito contraíra uma doença venérea, que agora o fizera sucumbir, rapidamente desceu do altar e mandou publicar uma edição especial. Foi seguido pelo *Le Figaro*, em França, e outros tais de renome, como o *Spiegel*, na Alemanha, ou o espanhol *El País*. A própria revista *Time* disponibilizou aos seus assinantes digitais um portefólio especial sobre a vida e morte de Mateus I, anunciando para a semana seguinte uma edição dupla de 80 páginas. Iria conter somente um artigo. Intitular-se-ia *Piccolo*.

Foi assim que naquela manhã jornais, estações de rádio e de televisão um pouco por todo o mundo começaram a atropelar-se, naquilo que melhor poderia ser descrito como um verdadeiro frenesim mediático. Apesar da reclusão obrigatória, o Vaticano era interpelado a reagir. Na ausência de uma resposta, os treinadores de bancada habituais fizeram-se ao jogo, ocupando-lhe o lugar em todos os meios de comunicação social que quisessem dar-lhes atenção. Comentavam as implicações daquela morte inesperada em artigos de opinião escritos à pressa e cheios de gralhas, ou, então, em emissões televisivas especiais, de ar estremunhado e sem gravata, dada a hora indecente a que tinham sido arrancados da cama.

O tema da sucessão passou imediatamente a ser o mais falado, identificando *preferiti*, os preferidos ao futuro conclave, mesmo apesar de o Papa nem sequer ainda ter sido sepultado. Até Hollywood foi metida ao barulho. Começou a circular pelo *Twitter*, uma rede social, que um ator há muito retirado estava pronto a regressar ao ativo para uma adaptação da vida e morte do Santo Padre. O filme, que contaria igualmente com uma jovem atriz em ascensão no papel de uma mulher marcante do seu passado, um rumor que nunca circulara, mas que todos davam como certo, já estava a ser preparado. Previa-se, qual *Lolita*, um duelo interpretativo de gerações digno da próxima temporada de prémios. A Netflix mostrara interesse. A Hulu e a HBO também. E havia ainda um grande estúdio pronto a entrar na contenda. O êxito seria imediato.

Todavia, o caos maior estava para vir.

Curiosamente, começou em Roma, quando, ao fim da manhã daquele dia, a agência noticiosa local ANSA conseguiu um furo inesperado. Entrevistou as pessoas, além dos elementos do clero e da única sobrinha viva, que tinham visto o cadáver de Stefano Uggeri — os embalsamadores papais.

Chamados à pressa durante a madrugada da morte do Santo Padre, os irmãos Fabbri, os dois embalsamadores, falaram pouco, mas disseram muito, apontando no comunicado oficial emitido horas antes pelo Vaticano vários paradoxos. As contradições começavam exatamente pelo início, ou seja, pela primeira frase. Questionavam a hora da morte do Papa.

Segundo os homens, quando chegaram ao quarto, o corpo ainda estava quente, apesar da janela aberta e da frialdade natural da manhã. Mais curioso era a hora: 05h40. Ambos os factos refutavam escandalosamente a versão do Vaticano.

O Papa não poderia ter morrido antes da meia-noite, pois nesse caso o corpo estaria frio. O secretário de Estado De Santis também não poderia tê-lo encontrado às 06h30, dando origem a todo o processo que se seguira. A essa hora, já o embalsamamento começara. Por outro lado, juravam que o Papa não segurava um livro nas mãos, mas um grupo ordenado de folhas de papel. E quanto aos óculos que tinha no rosto, bom... Quem o conhecia em privado sabia perfeitamente que não precisava deles para ler.

A notícia espalhou-se mais depressa do que uma fagulha a voar num dia quente de verão pelo meio de uma mata seca, incendiando as redações dos meios de comunicação social um pouco por todo o mundo.

Entrou em combustão rápida e descontrolou-se ainda mais depressa, com todo o género de especulações a virem a lume nas emissões em direto. As atualizações eram feitas de minuto a minuto. Nada se sabia ao certo, embora muito se conjeturasse sobre o assunto. Não existia nada melhor do que uma boa teoria da conspiração.

A agência noticiosa ANSA voltou ao ataque pouco tempo depois da hora de almoço. Os embalsamadores rapidamente caíram no esquecimento. Agora, a protagonista era a freira Concepcion, uma das quatro irmãs que viviam nos aposentos papais, apoiando o Santo Padre. A idosa deixara escapar que fora ela quem encontrara Stefano Uggeri.

O mistério estava lançado e mostrava que tinha boas pernas para andar. Por que motivo mentira o Vaticano? O que levava o cardeal Tremblay a administrar a extrema-unção, se, tal como fora comunicado oficialmente, a morte ocorrera muitas horas antes de o cadáver ser encontrado e, como tal, estaria frio na altura do ato? Segundo a lei canónica, a alma deixa o corpo quando o *rigor mortis* é estabelecido. Ou como é que alguém sofrera um enfarte do miocárdio e conseguira manter-se com um livro, ou um molho de papéis, seguro direito nas mãos? Já agora, que papéis eram esses? Uma lista de nomes de cardeais corruptos, que o Papa se preparava para excomungar do Vaticano, iniciando, assim, a revolução à doutrina humana que prometera?

Isto, para nem mencionar o embalsamamento apressado, feito poucas horas depois da sua morte. Um especialista chamado à emissão da BBC World News foi perentório. A explicação era simples. Tratava-se da melhor maneira de disfarçar o envenenamento por arsénico.

Apesar de ter ficado debaixo de fogo intenso, o Palácio Apostólico manteve-se impenetrável, refugiando-se no silêncio, como numa cripta de pedra. Quando o Vaticano emitia a sua versão, não havia necessidade de comunicar outra, pois a primeira seria sempre a sua palavra final. E, assim, o Papa morreu.

Tudo mudou vários dias mais tarde quando uma plataforma digital recentemente criada, que ninguém conhecia, com o domínio eletrónico *emanuel.org*, publicou dados reveladores. A identidade do responsável era desconhecida, escondendo-se por trás de um nome

simples — Pedro. Porém, as provas que apresentou não só foram aceites como autênticas, mas, mormente, como demolidoras.

Um vídeo com uma gravação das câmaras de vigilância da Praça de São Pedro mostrava o que todos suspeitavam ser verdade: as luzes no quarto papal tinham sido apagadas um pouco antes da meia-noite. Se Mateus I tivesse, de facto, morrido a ler como fora veiculado, por que razão o candeeiro da mesa de cabeceira não ficara aceso?

Mas, várias horas depois, antes das cinco da manhã, via-se luz a regressar à janela entreaberta. Ou alguém o encontrara muito mais cedo do que o que fora noticiado oficialmente, ou, então, o Papa acordara àquela hora, morrendo de seguida, o que corroborava a versão dos irmãos Fabbri, que continuavam a afirmar terem encontrado o corpo quente. Parecia que o Papa dos 33 dias, fora-o, afinal durante, mais um, isto é, 34.

A plataforma *emanuel* arriscou ir ainda mais longe. Segundo Pedro, o seu autor, o jovem cabo que naquela noite quente estivera de sentinela à praça abandonara a Guarda Suíça. Dizia-se que regressara ao país de origem, apesar de na realidade o seu paradeiro ser incerto. O mesmo não poderia dizer-se em relação à irmã Concepcion, outra das testemunhas principais da história. Pura e simplesmente confinara-se à reclusão.

O rumor foi deixado à deriva durante vários dias, ganhando uma proporção tamanha, que rapidamente se transformou numa conversa de interesse mundial. O problema já não era a mentira. A questão principal residia noutro ponto.

Por que motivo o Palácio Apostólico insistia em esconder o facto de que o Papa não morrera de causas naturais? Ou seja, de que, na verdade, fora sumariamente assassinado?

O Vaticano, para o qual uma vez emitida uma versão, não havia necessidade de corrigi-la, resolveu, então, quebrar a sua regra de ouro. Desse modo, em outubro, dez dias depois dos acontecimentos misteriosos que tinham marcado aquela madrugada, findos os nove obrigatórios durante os quais os cardeais se dedicavam às exéquias papais, decidiu enviar à Radio Vaticana uma nova versão dos factos.

Foi o erro maior que cometeu.

O Papa Mateus morrera dez dias antes. A sua morte constituíra um choque terrível para todos.

O pesar sentido dentro das paredes do Palácio do Vaticano era tão profundo, que a emenda ao comunicado original emitida naquela segunda semana de outubro em direto na antena da Radio Vaticana começava por uma declaração de intenções. No mínimo, era tão breve quanto oportuna.

Há muitos anos que Stefano Uggeri sofria de tensão baixa. Aliás, passara os últimos dias do papado em condições de saúde débeis, a sentir-se muito fragilizado. Nos seus últimos dias, as pernas estavam tão inchadas, que mal conseguia manter-se de pé.

Depois de ter aberto caminho à hipótese de uma embolia pulmonar, o boletim do Vaticano enveredava pelo das correções. A primeira abordava um dos maiores enigmas que rodeara os acontecimentos daquela noite fatídica. Afinal, quem encontrara o corpo do Papa?

Admitiam que fora a irmã Concepcion, a freira idosa que todas as manhãs tinha a tarefa de se levantar cedo e ir ao quarto levar-lhe o café. Ao perceber que algo de errado se passava, chamara o cardeal De Santis. Depois disso, a sequência de eventos mantinha-se, como fora originalmente relatada, com a entrada em cena de Tremblay, o camerlengo.

Numa demonstração pública de humildade — que só lhe ficava bem, repararam mais tarde os comentadores pró Igreja em direto nos debates televisivos inflamados que se seguiram —, o Vaticano desejava retratar-se de uma vez por todas. Contudo, ao dar o dito pelo não dito, numa tentativa eloquente e contemporânea de embelezar o momento, não antecipara a entrada no limite do ridículo.

Aquando da sua morte, o Papa não lia *A Imitação de Cristo*. Os rumores que diziam estar a preparar uma grande revolução na hierarquia do Vaticano não passavam de blasfémias vis. Mateus falecera a rever notas pessoais e não a analisar uma lista de nomes de cardeais que desejava erradicar em breve do Palácio Apostólico e arredores. O facto de ter conseguido manter os papéis direitos seguros nas mãos enquanto sofria um ataque cardíaco fulminante devia-se apenas e só à graça divina.

Ora, se em setembro o mundo levava o seu tempo a reagir, neste caso, apenas dez dias depois, preparara-se melhor. Ao fim de poucos minutos, o comunicado do Vaticano já fora replicado em catadupa, ainda mais depressa do que na missa de domingo uma hóstia derretia na boca de uma criança. Os primeiros *memes* começaram igualmente a circular *online*. Mostravam um Papa sorridente com um livro nas mãos, abençoado por uma auréola incandescente.

Como apontara um analista político convidado naquela manhã pela Sky News, que era também filósofo, ensaísta, cronista, jornalista, escritor de *best-sellers* históricos e erudito autodidata, no fundo, no fundo, para o Vaticano, era irrelevante quem encontrara realmente o Santo Padre, se uma mera freira gorda e anafada, ou o agora muito falado secretário de Estado De Santis.

Era também irrelevante a que horas fora encontrado morto, se estava frio, ou quente. E era irrelevante quando partira. Isto via-se claramente pela justificação dada para um dos momentos mais importantes daquela madrugada. Tal qual o desfecho atrapalhado de um mau *thriller* religioso, o Papa morrera a sorrir e a segurar direito nas mãos um molho de papéis. Com a Graça de Deus. Ámen.

O último escândalo na Casa Branca fora ultrapassado. Nem as mais recentes peripécias do Brexit tinham conseguido um mediatismo tão grande. Aquele era o assunto do ano. Numa adaptação contemporânea

do milagre dos pães, as edições e emissões especiais sobre a morte do Papa multiplicaram-se nos dias que se seguiram à leitura infeliz aos microfones da Radio Vaticana do segundo comunicado emitido pelo Palácio Apostólico.

A CNN fez dele notícia de abertura em vários programas. A própria Christiane Amanpour não pôde passar sem lhe dedicar o seu. Já a BBC World News manteve-o no rodapé durante toda a semana e a revista *Time* voltou à carga com a preparação de mais uma edição dupla, desta feita com 100 páginas, a qual continha uma infografia elaborada. Mostrava um corte vertical do interior do Palácio Apostólico, onde não só estavam representadas as figuras principais da noite, os cardeais De Santis e Tremblay, e a irmã Concepcion, como também as horas hipotéticas a que tudo acontecera.

Quem acabou por ir longe de mais foi o quase sempre inatingível *New York Times*. António Moreira Antunes, o cartoonista que em 1993, ainda nessa altura ao serviço do semanário português *Expresso*, chocara o mundo ao pendurar um preservativo no nariz do Papa João Paulo II, voltara a fazer das dele. Representara na edição internacional do jornal Stefano Uggeri no leito papal com um sorriso de orelha a orelha. Era acompanhado por três outras caricaturas, a dos dois cardeais e a da freira idosa que se vira repentinamente no centro da polémica. Estavam todos na mesma cama, dentro dos lençóis. Claramente, houvera mais alguém no quarto durante aquela noite. A polémica gerada foi tanta, que, passadas poucas horas, a sátira grotesca foi retirada da edição *online* pela própria administração do jornal norte-americano. Emitiu imediatamente um pedido de desculpas. Quanto à versão em papel, ficou para a posteridade.

Mas o momento mais controverso aconteceu quando a plataforma *emanuel* ressurgiu, disponibilizando os registos médicos de Stefano Uggeri para todos aqueles que quisessem consultá-los. O menino pobre que se tornara Papa fora toda a sua vida um homem bastante saudável, não evidenciando qualquer histórico de doenças respiratórias ou cardíacas. Apenas lhe estava prescrito *Cortiplex B*, um regulador do metabolismo humano, que lhe era administrado através de injeções, receitado devido à prática regular de montanhismo, a sua única atividade desportiva.

Pedro voltara a atacar e, mais uma vez, deixara o Vaticano em areias movediças. Não havia qualquer motivo para suspeitar da saúde do Papa Mateus e a insistência do Palácio Apostólico na teoria da morte por causas naturais só viera fortalecer a ideia contrária, ou seja, de que alguém matara o Santo Padre. As pessoas que tinham aplaudido Stefano Uggeri quando na noite do fim do conclave, a partir da varanda da Basílica de São Pedro, ele as saudara debaixo de chuva forte, agora apontavam o dedo aos cardeais. Aqueles velhos nojentos de cara rubicunda e batina não enganavam ninguém. Não passavam de uma corja de assassinos ambiciosos, sedentos de poder.

No meio de tanto diz que disse, um jornalista manteve-se discretamente a trabalhar. Paolo Fattore, a voz sóbria e forte da Radio Vaticana que lera os dois comunicados emitidos pelo Palácio Apostólico, assistira à controvérsia com imparcialidade, mantendo-se fora de discussões, limitando-se a relatar os factos oficiais.

Estava indeciso sobre o que pensar de tudo aquilo. Sabia bem que o Vaticano era pródigo em mistérios. Algo que aprendera desde o primeiro dia em que começara a trabalhar para a Santa Sé, fosse na estação de rádio ou no *L'Osservatore Romano*, era que tudo, mas tudo, poderia acontecer dentro daquela cidade-estado pequena e corrupta. Só havia uma condição: teria de ficar lá dentro. Ali, a ambição do homem sobrepunha-se frequentemente à doutrina divina.

No entanto, quem fazia o jornalista duvidar tinha outro nome — Pedro. Há algum tempo que seguia o autor da plataforma *emanuel*, tentando colecionar as poucas migalhas que este fora deixando. Na realidade, eram ínfimas, mas as suficientes para lhe dar uma certeza acerca da informação que divulgara sobre a morte do Papa.

Pedro fizera um pacto com o mundo. Contara-lhe sempre a verdade. Aliás, era caso para dizer que nunca mentira a ninguém. Nem sequer a Paolo.

Redação da Radio Vaticana, Cidade do Vaticano

Doze Dias Depois da Morte do Papa

Dois dias após o Vaticano emitir o segundo comunicado sobre a morte de Mateus I, numa altura em que a controvérsia começava a diminuir ligeiramente, sentado à sua secretária na redação da estação de rádio, Paolo aproveitou alguns minutos dos quais dispôs antes da leitura de mais um noticiário e acedeu à caixa de entrada do seu endereço de correio eletrónico pessoal. Cofiou a barba escura, dececionado. Além de publicidade não solicitada e da lista de compras que Maria, a esposa, enviara, não tinha mais nada por ler. Pedro continuava a não responder às suas tentativas de restabelecerem contacto.

Tudo começara cerca de dois anos antes, quando uma plataforma digital aparecera *online* a distribuir publicamente grandes quantidades de dados. Tratava-se maioritariamente de movimentos bancários, extratos, provas de transferências e outros comprovativos de negócios de índole duvidosa retirados das contas privadas de políticos europeus. Inicialmente, fora recebida com silêncio e ceticismo. Nada acontecera. Era somente peixe miúdo.

Mas Pedro, o nome que se apresentava por trás da página na *internet*, insistira, continuando a disponibilizar cada vez mais informação até a caça se tornar grossa. Foi aí que aquele pequeno burburinho insignificante que iniciara se tornou rapidamente numa discussão exaltada.

De repente, visando político atrás de político, o assunto «Pedro» chegara aos corredores do Parlamento Europeu. Fizera-lhe companhia um nome grande, o presidente da Comissão. Desviara dinheiro comunitário para comprar um apartamento de luxo, onde mantinha uma mulher acerca da qual nem a esposa, quanto mais a Europa, poderiam saber. Sentindo-se humilhado, pedira a demissão.

Um ano e meio depois de ter começado a delatar os políticos do Velho Continente, Pedro tornara-se numa nova estrela, o que, ainda por cima, era alimentado pela áurea de mistério que cultivava. Contudo, a fama que tão depressa adquirira acabou por lhe trazer os seus reveses. Vieram sob a forma de perguntas.

Como é que obtivera os dados que publicara? Pertenciam a contas pessoais, isto é, privadas. Quão profundamente navegara ele no sistema informático de cada uma das instituições financeiras que pirateara? Teria sido assim tanto, ao ponto de ter chegado ao dinheiro do contribuinte comum? A caça ao homem começou. Perseguido, Pedro só teve uma resposta a dar: refugiou-se na clandestinidade.

O jornalista italiano passara a seguir o tema sensivelmente a meio, quando os dados que a plataforma publicava começaram a ganhar mediatismo, ainda antes de terem chegado aos corredores do Parlamento Europeu. O seu interesse por Pedro não estava relacionado com a ambição de obter um furo. Apenas queria conhecê-lo, ter a oportunidade de contar a sua história, nem que para isso tivesse de arriscar o emprego. Duvidava de que o seu editor na Rádio Vaticana, ou mesmo no *L'Osservatore Romano* o apoiassem.

Fora precisa muita perseverança e outro tanto de persistência para que o jornalista conseguisse que Pedro respondesse às suas tentativas de contacto. Depois da resposta ao primeiro *e-mail*, que chegara várias semanas atrasada, forçara-o a mudar frequentemente de endereço de correio eletrónico, contas que passados poucos minutos se apagavam automaticamente, protegidas por programas de encriptação, e que não deixavam qualquer histórico.

O esforço do italiano acabara por ser compensado e os dois marcaram um encontro. Curiosamente, era para acontecer numa cidade que Paolo conhecia bem, Lisboa. Disse-lhe que iria lá passar uma noite. Pedro estava recetivo a falar com ele. Bastaria que o jornalista fosse capaz de merecer a sua confiança.

Fora nessa altura que o Parlamento Europeu entrara na história. O nome do pirata informático passara a ser mencionado regularmente nos meios de comunicação social, culminando com o afastamento voluntário do presidente da Comissão. Quase ao mesmo tempo que demorava cada vez mais a responder-lhe, Pedro tornara-se num homem muito procurado, acabando por desaparecer. A página na *internet* fora fechada. O encontro não chegara a realizar-se.

Paolo reagira com suspeição quando, alguns dias depois da morte do Papa Mateus, ouvira falar na plataforma *emanuel*. Parecia uma jogada de um oportunista, um imitador barato. Mas a forma de operação era a mesma, ou seja, a publicação de dados. Primeiro, fora o vídeo com a gravação das câmaras de vigilância da Praça de São Pedro. A seguir, respondendo ao segundo comunicado emitido pelo Vaticano, a divulgação dos registos médicos de Stefano Uggeri. Teria Pedro regressado ao ativo ou tratar-se-ia de outra pessoa? Só havia uma forma de sabê-lo. Teria de começar tudo de novo e voltar ao princípio, isto é, à primeira tentativa de contacto.

Perante a ausência de uma resposta, a sentir-se frustrado, Paolo Fattore balançou o corpo seco e magro para trás e para a frente na cadeira em que estava sentado, tentando aliviar a ansiedade. De mãos traçadas sobre a nuca, com os olhos castanhos fixos no teto velho da redação da estação de rádio, exalou. Foi surpreendido pela chegada intempestiva de um jovem que parou ao pé de si, nada dizendo.

O jornalista endireitou-se. Tinha ao seu lado uma figura alta, vestida com um casaco preto muito largo e comprido, calças justas, quem sabe, elásticas, do mesmo tom, e sapatos a condizer. O cabelo ralo estava enrolado num carrapito no topo da cabeça e a barba era longa. Viera de Milão.

Ele e o estagiário entreolharam-se, permanecendo em silêncio. O seu estilo fazia-o sentir-se baralhado. *Hipster*? Ou seria *hippie chic*? Poderia ser gótico. Bom, não lhe parecia, mas, sendo sincero, não tinha a certeza. Como diria Maria, a esposa, o seu gosto para roupas era péssimo, ainda pior do que se deixassem as duas filhas pequenas à solta no roupeiro da mãe, antes de irem para a escola.

O rapaz entregou-lhe um envelope grosso que aparentava ser pesado. Acabara de chegar por estafeta e era-lhe dirigido. Foi nesse

momento que Paolo reparou na caixa de entrada do seu endereço de correio eletrónico. A página aberta no ecrã do computador mostrava que recebera uma mensagem.

O jornalista ficou a olhar para ela. Apesar de não reconhecer o remetente, o nome transmitia-lhe uma ligeira sensação de familiaridade que o deixou curioso. Vendo o estagiário afastar-se, abriu-a. A introdução breve que leu reavivou-lhe a memória. Vinha de uma colega portuguesa com a qual trabalhara no passado, quando vivera em Lisboa. O conteúdo da mensagem tinha tanto de surpreendente quanto de perturbador:

De: dianasantossilva@sapo.pt
Para: paolofattore_78@gmail.com
Assunto: Interesse comum.

Querido Paolo,

Desculpa-me por estar a contactar-te depois de uma ausência tão prolongada, mas necessito urgentemente de falar contigo. Creio que temos um interesse em comum. Chama-se Pedro.

Preciso de ajuda. Sinto-me desesperada.

Diana Santos Silva

Perplexo, o italiano ficou a olhar para o texto. As palavras dançaram perante os seus olhos, como se não estivesse a compreendê-las bem, obrigando-o a lê-las várias vezes.

Creio que temos um interesse em comum. Chama-se Pedro.

Fora muito ingénuo ao julgar-se o único a pensar em seguir aquela história. Não chegara a conhecer Pedro e tudo o que sabia acerca dele não passava de restos, de sobras que ele lhe atirara durante a altura em que se haviam correspondido, como se fosse um animal de estimação esfomeado. No entanto, já percebera algo acerca do pirata informático — Pedro adorava estar no centro das atenções. Os holofotes do mundo, as inúmeras referências nos meios de comunicação social, eram tudo para ele. Faziam-no sentir-se poderoso.

Amargo, o jornalista releu mais uma vez a mensagem de Diana, concentrando-se nas duas últimas frases. *Preciso de ajuda*, escrevera ela.

Sinto-me desesperada, rematara. O toque do telefone fê-lo despertar. Iria para o ar dali a dez minutos.

Fechou a mensagem, resolvendo responder-lhe mais tarde. Queria pensar melhor antes de fazê-lo. A precisar de tirar o assunto da cabeça, como ainda dispunha de algum tempo livre até à leitura em direto do noticiário, resolveu pegar no pacote que recebera um pouco antes. Não trazia remetente; somente o seu nome datilografado no papel castanho. Abriu-o. Tratava-se de um livro de capa dura.

Paolo voltou-o nas mãos, apreciando-o com curiosidade. A encadernação era toda preta, as letras da capa, brancas, e o título, simples, embora muito forte — *Dor*. O escritor chamava-se Adam Immanuel.

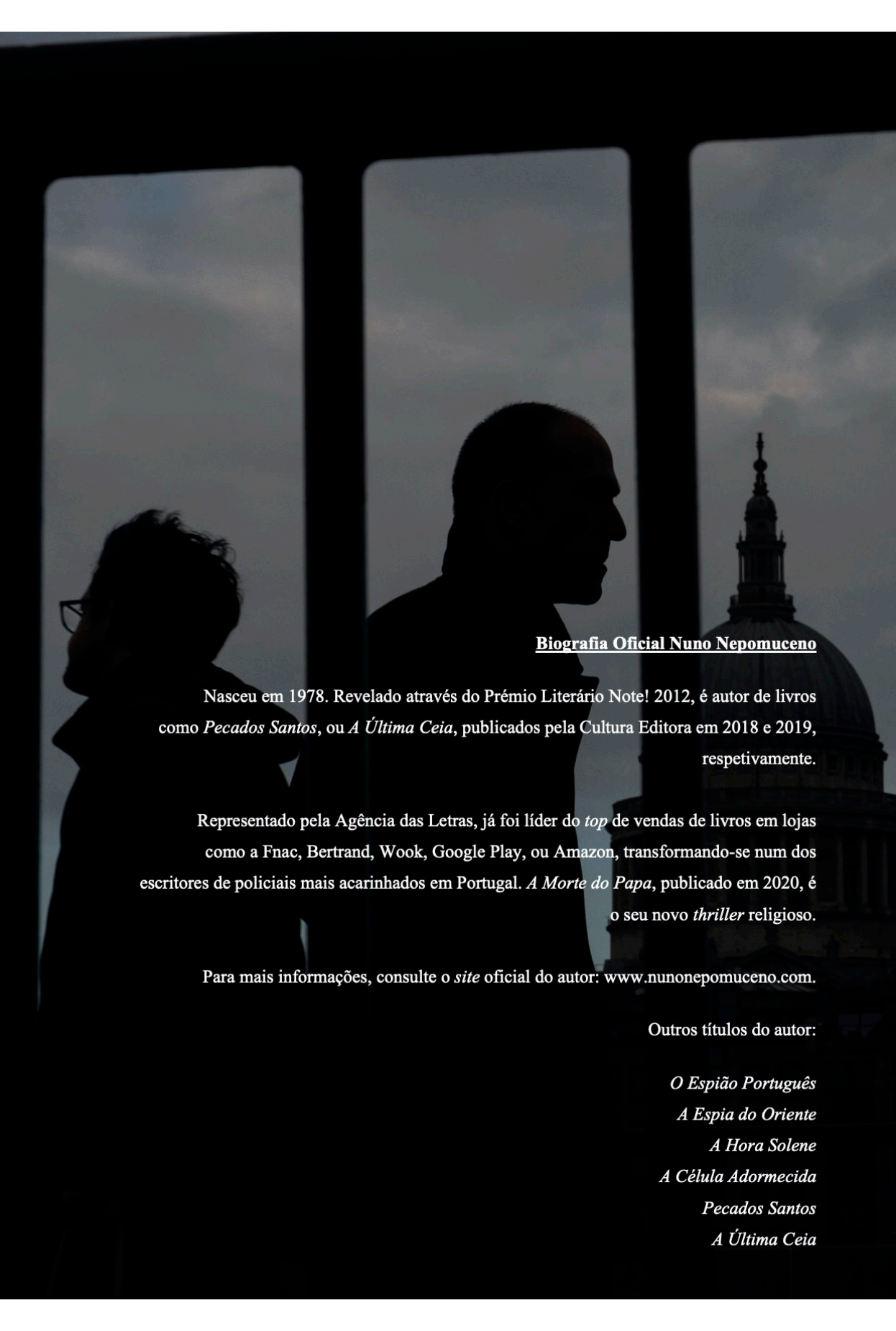
A semelhança óbvia entre o apelido e o nome da plataforma criada por Pedro deixou-o incomodado, como alguém que estava a ser vítima de uma piada de mau gosto. Abriu uma das badanas, à procura de mais informação. A biografia era acompanhada por uma fotografia do autor. Mostrava um homem jovem, que deveria rondar os 30 anos, contraposto a um fundo negro. Tinha o cabelo castanho encaracolado e o olhar era forte e intenso, até penetrante.

O jornalista folheou casualmente o livro. Assim que passou duas páginas, deparou-se com um papel escondido no meio. Tratava-se de um recorte de um jornal com a notícia da morte do Papa.

Paolo sentiu um fio de excitação a percorrer-lhe a nuca ao perceber o que estava no verso. Por cima da fotografia de uma adolescente de cabelo comprido e ar doce, uma mensagem fora escrita à mão com um marcador vermelho.

À data do jornal, Gabriella Accardi desaparecera quinze anos antes, não sendo vista desde o dia em que saíra da aula de Música na Praça Navona. Ainda mais intrigante do que esse facto era o recado que se lia, rascunhado sobre a imagem da jovem. Assinado por Pedro, dizia:

«O corpo está no local para onde aponta o anjo.»

The background of the entire page is a dark, atmospheric photograph. It shows the silhouettes of two people, a man and a woman, standing in front of a large window. The man is in the foreground, looking out to the right. The woman is slightly behind him, also looking out. Through the window, a large, ornate dome, likely a cathedral or church dome, is visible against a cloudy sky. The lighting is soft and diffused, creating a contemplative mood.

Biografia Oficial Nuno Nepomuceno

Nasceu em 1978. Revelado através do Prémio Literário Note! 2012, é autor de livros como *Pecados Santos*, ou *A Última Ceia*, publicados pela Cultura Editora em 2018 e 2019, respetivamente.

Representado pela Agência das Letras, já foi líder do *top* de vendas de livros em lojas como a Fnac, Bertrand, Wook, Google Play, ou Amazon, transformando-se num dos escritores de policiais mais acarinhados em Portugal. *A Morte do Papa*, publicado em 2020, é o seu novo *thriller* religioso.

Para mais informações, consulte o *site* oficial do autor: www.nunonepomuceno.com.

Outros títulos do autor:

O Espião Português

A Espia do Oriente

A Hora Solene

A Célula Adormecida

Pecados Santos

A Última Ceia

Para ficar a par de todas as
novidades e receber todas
as nossas ofertas especiais
inscreva-se já no nosso
clube de leitores:

